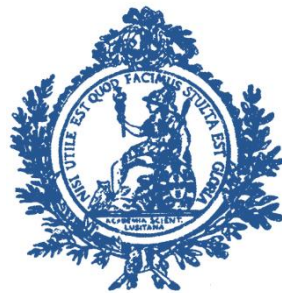


E. R. de Arantes e Oliveira

INAUGURAÇÃO DO CAES



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS

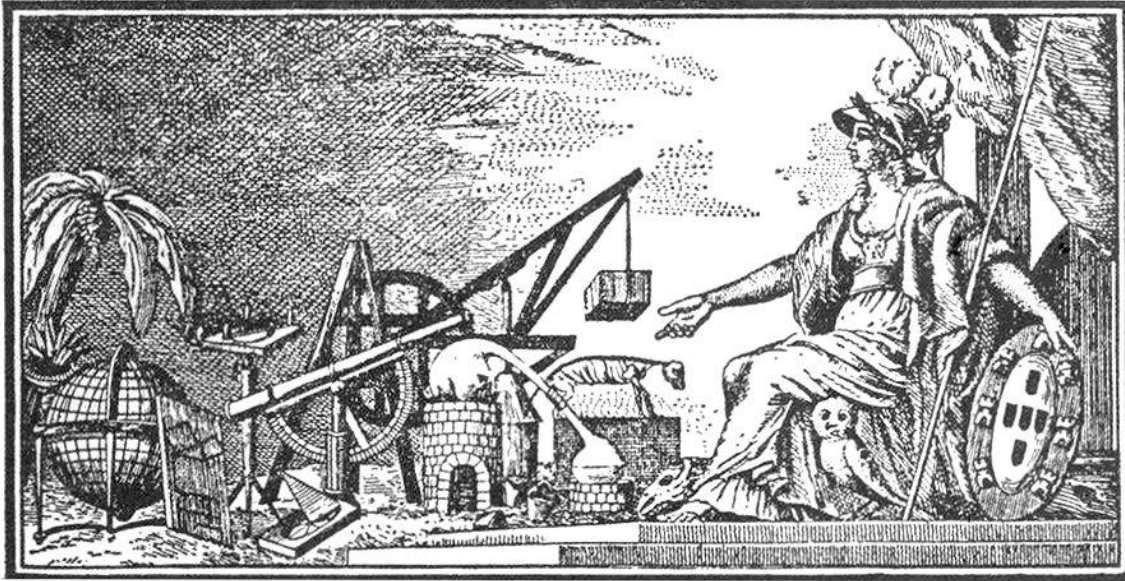
E. R. de Arantes e Oliveira

INAUGURAÇÃO DO CAES



ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA

CLASSE DE CIÊNCIAS



INAUGURAÇÃO DO CAES

E. R. de Arantes e Oliveira

O Padre Paulo Araujo convidou-me para dizer algumas palavras nesta inauguração do CAES - Centro Acadêmico Edith Stein -, iniciativa sua colocada sob a invocação de Edith Stein, intelectual judia nascida em 1891, convertida ao catolicismo em 1922, martirizada no campo de concentração de Auschwitz em 1942, beatificada por João Paulo II em 1987 e canonizada em 1998. Pareceu-me adequado falar da dialéctica entre a Ciência e a Fé.

O artigo sobre "Ciência e Igreja", da "Enciclopédia Católica", obra monumental de alta credibilidade editada pela Universidade Católica Americana de Washington, não hesita em afirmar que os conflitos entre a Ciência e a Igreja são falaciosos, já que se baseiam na ideia de que um crente nunca poderá ser cientista por uma das seguintes três razões, todas elas falsas:

1ª falsa razão: porque sendo o espírito dos crentes limitado pela autoridade da Igreja, nunca, em casos de conflito, um verdadeiro crente deixará de contradizer a Ciência, o que faz suspeitar da sua fidelidade ao método científico;

2ª falsa razão: porque a aceitação cega de dogmas e a submissão dos crentes a uma autoridade não-científica é contrária à dignidade da Ciência;

3ª falsa razão: porque a Fé tem sido desacreditada pela História.

Por que motivos devem estas três razões ser consideradas falaciosas?

Examinemos a primeira. Para o crente, a Fé não é uma invenção humana: procede da Revelação divina. E, como a Revelação, tal como a Criação, emanam da mesma fonte, isto é, do Criador, um cientista que seja crente investiga a verdade na esperança de que nada encontrará que seja contrário à Revelação. Se se defrontar com um facto científico que lhe pareça contradizer um ponto de vista religioso, tanto o facto como o ponto de vista terão de ser revistos. E, assim, a investigação é estimulada em ambas as direcções, até que um dos termos da aparente contradição seja posto em causa e classificado como, pelo menos, prematuro.

Um exemplo típico, que remonta ao século XVII, foi o do conflito relativo ao sistema heliocêntrico, que levou ao famoso processo de Galileu. Foi claramente um caso em que o ponto de vista religioso teve que ser revisto: concluiu-se que os princípios defendidos pelos inquisidores eram os da astronomia de Ptolomeu, não os do Cristianismo, pelo que, embora a prazo mais longo do que seria desejável, a Igreja deu razão a Galileu. Recorde-se que, em 1992, João Paulo II apresentou publicamente desculpas sobre o modo como, no século XVII, as autoridades católicas conduziram o caso de Galileu, forçando este a retratar-se do heliocentrismo. O mesmo Papa afirmou que, “se a Ciência pode purificar a Religião da superstição, também a Religião pode purificar a Ciência de falsos absolutos”.

No século XIX, o conflito relativo à teoria da evolução de Darwin deu-se no seio da Igreja Anglicana, não da Católica, e ainda hoje provoca controvérsias nos Estados Unidos. Por isso, a propósito de um apelo lançado em 2008 pela Igreja de Inglaterra para que a Igreja, tomada num sentido lato, pedisse desculpa aos cientistas pela falta de compreensão revelada inicialmente a propósito de Darwin, o Presidente do “Conselho Pontifício para a Cultura” veio ele próprio afirmar que, felizmente, a Igreja Católica Romana não tinha desculpas a pedir. E acrescentou: “a Teoria da Evolução não é incompatível com os ensinamentos da Igreja Católica nem com a mensagem da Bíblia”. Por isso, ao contrário do que aconteceu com várias denominações protestantes, a Igreja nunca condenou Darwin nem colocou no Index a sua obra sobre a “Origem das Espécies”.

Considere-se agora a segunda razão: a da dignidade da Ciência. Já que o objectivo da Ciência consiste em procurar e encontrar a verdade, não se entende que esta dignidade seja afectada pela Fé. O que põe em causa a dignidade da Ciência são os erros, as fraudes, os postulados arbitrários. Mas, se nenhum cientista hesita em aceitar resultados fornecidos por outros ramos da Ciência, ou por cientistas de outras especialidades diferentes da sua, porque há-de considerar indigno aceitar a Revelação?

Isto sem prejuízo de aceitar que pode ser difícil obedecer a uma autoridade religiosa que, se não for infalível, é, como qualquer tribunal humano, susceptível de errar. Foi o que aconteceu no caso de Galileu.

Quanto à terceira razão, a de que a Fé tem sido desacreditada pela História, a verdade é que os que a defendem são, eles próprios, os que desacreditam a História. A verdade histórica é a de que, até à Revolução Francesa, praticamente todos os grandes cientistas foram crentes. A partir de Voltaire e Rousseau, essa verdade foi esquecida. Mas, em contrapartida, o caso de Galileu foi lembrado e relembrado pelos chamados “livres-pensadores”, como se Galileu, ele próprio, não tivesse sido um bom católico. Quando o grande químico Lavoisier, reconhecido como o pai da Química moderna, compareceu perante o tribunal revolucionário, um desses “livre-pensadores” não deixou de o empurrar para a guilhotina com as palavras: “Nous n’avons plus besoin de chimistes”. E com estas palavras, que traduziam todo um estado de espírito colectivo, deram o seu beneplácito para que ele fosse guilhotinado. Actos como este ensombraram o “espírito das luzes”.

Esta crise não impediu porém que, passada a Revolução, os cientistas crentes continuassem a ser numerosos. Assim, alguns dos maiores cientistas do século XIX, como Cauchy, Ampère, Pasteur e o Padre Mendel, este último um dos fundadores da Genética moderna, foram católicos. Já no século XX, Fleming, o descobridor da penicilina, foi católico. Em Portugal, o matemático Gomes Teixeira e o químico Ferreira da Silva, os maiores nomes portugueses das respectivas ciências nos princípios do século XX, eram católicos. Ainda no século XX, foram católicos Ennio de Giorgi, o maior matemático italiano do século, Laurent Lafforgue, também grande matemático, e, entre os que além de católicos foram eclesiásticos, o Cónego Georges Lemaître, astrónomo e físico, que propôs para a origem do Universo a teoria que denominou “a hipótese do átomo primordial”, mais tarde chamada do “Big Bang”, para já não falar de Teilhard de Chardin.

É um facto que, depois da Revolução Francesa, o ateísmo se espalhou. Porém, porque o número total de cientistas cresceu muito, o de cientistas cristãos não podia deixar de aumentar também de modo significativo.

Mas é importante notar que a Igreja nunca olhou a Ciência como inimiga. John Heilbron, um dos mais conceituados historiadores da ciência da actualidade, ele próprio não-católico, escreveu: “Durante mais de seis séculos, a Igreja Católica Romana deu maior apoio financeiro e social ao estudo da Astronomia que qualquer outra instituição”, e ainda: “Não pode falar-se em matemática nos séculos XVI e XVII sem descobrir um jesuíta atrás de cada esquina”. E o Concílio Vaticano II emitiu o seguinte voto: “Que o Conhecimento, a Ciência, e a Sabedoria cresçam ao longo dos séculos, tanto nos indivíduos como na comunidade, tanto em cada homem como em toda a Igreja ...”.

Uma prova tangível da importância que a Igreja reconhece à Ciência é a existência de uma “Pontifícia Academia das Ciências”, que hoje conta entre os seus membros cerca de 80 “académicos pontifícios”, nomeados pelo Papa e eleitos pelos seus pares sem qualquer tipo de discriminação. Promover a pesquisa e estudar questões científicas de interesse para a Igreja são os objectivos que os norteiam. Provenientes de todo o Mundo, muitos dos membros dessa Academia, não só não são católicos, como nem sequer são

cristãos. E a Academia em questão é, a nível mundial, a congregação científica com maior número de Prémios Nobel (43 até hoje), muitos dos quais eleitos antes de receberem o prémio.

Ao consultar a lista dos membros da Academia Pontifícia, fiquei estupefacto ao verificar que o grande físico inglês Stephen Hawkins também para ela entrou em 1986. O que me surpreendeu não foi tanto o facto de João Paulo II o ter nomeado, mas que um duríssimo crítico da Igreja, agnóstico confesso, amargurado pela sua condição de paraplégico quase total, tivesse aceite o convite do Papa. Só um profundo respeito pela intelectualidade católica pode explicar uma tal aceitação.

O mesmo pode dizer-se de muitos dos seus pares.

(Comunicação apresentada a 10 de Março de 2010)